

EUCLIDES, O SERTANEJO SERÁ PARA SEMPRE UM FORTE?:

a exaustão do trabalhador rural pelas mudanças climáticas.

Edson Sarti Wernek¹

Em “Os Sertões”, Euclides da Cunha ressalta a força física do trabalhador rural e, mais de cem anos antes das atuais preocupações com as mudanças climáticas, apresenta a fadiga constante que nunca cessa nesse sertanejo que avança para acompanhar sua própria vida de trabalho, marcada pela fertilidade e pela beleza de suas terras no sobrevir das chuvas e na secura torturante dos períodos de estiagem inerentes ao sertão. Porém, pergunto: Euclides, conseguirá o sertanejo permanecer, antes de tudo, forte diante dos desafios impostos pelas mudanças climáticas?

Em 2025, o 50º volume da Revista Brasileira de Saúde Ocupacional apresentou três ensaios: “Mudanças climáticas, trabalho decente e saúde dos trabalhadores no Brasil: considerações teóricas”; “Eventos climáticos extremos no Rio Grande do Sul (RS) e os impactos na saúde dos trabalhadores”; e “Mudanças climáticas e suas implicações para a saúde de trabalhadores e trabalhadoras, produção agrícola e ambiente”. Eles relacionam mudanças climáticas à precarização do trabalho agrícola e analisam seus reflexos na produção de alimentos, saúde e ambiente, com destaque para as precipitações do RS, que culminaram num dos maiores desastres ambientais do país.

Os eventos climáticos extremos de 2024 no RS, iniciados no fim de abril e cujos impactos seguem até hoje, atingiram mais de 95% do estado e provocaram mais de 8 mil deslizamentos de terra e rocha. Em 2 de maio, oito cidades figuraram entre as dez do mundo com maior volume de chuva em 24 horas. Foram registrados 405 municípios com perda de fertilidade do solo por erosão hídrica, afetando cerca de 2,7 milhões de hectares, enquanto aproximadamente 4,27 mil km² de área foram inundados, com quase 8 mil domicílios rurais impactados. Quase 5 mil comunidades tiveram dificuldades para escoar sua produção; cerca de 35 mil famílias rurais tiveram suas fontes de água contaminadas; e os prejuízos alcançaram quase 50 mil produtores de grãos, além de aproximadamente 9 mil fruticultores e 1,2 milhão de animais, em sua maioria aves.

¹Tecnólogo em Gestão Ambiental. Presidente do Instituto de Conservação Ambiental do Morro Agudo.
<https://lattes.cnpq.br/9213556688060423>.

Além dos impactos econômicos, que colocam em risco a produção e a segurança alimentar de toda a população brasileira, o ensaio destaca o agravamento da saúde física e mental dos trabalhadores rurais, colocando-os como um dos grupos mais afetados no pós-desastre, com consequências a longo prazo no desenvolvimento de ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático. Os riscos à saúde para os trabalhadores do campo também aparecem em outro documento, que retrata casos de hipertermia, desidratação, doenças renais e cardiovasculares em razão das altas temperaturas e da radiação ultravioleta, que se intensificam com as mudanças no clima. Além disso, o calor pode aumentar a absorção cutânea de agrotóxicos, elevando o risco de intoxicações, e ainda alterar a disseminação de vetores, modificando seus habitats e aproximando patógenos, como os da dengue, zika e chikungunya, das zonas rurais.

Os estudos também apontam que o excesso de precarização, ocasionado por situações de extremo climático, catástrofes e mudanças abruptas no clima, podem levar trabalhadores a condições de trabalho cada vez mais degradantes, exaustivas e análogas à escravidão. As políticas públicas climáticas falham ao não definir reduções de carga, especialmente nos períodos e locais com maiores temperaturas. Assim, o modelo de produção focado na monocultura não se mostra nada resiliente às mudanças climáticas, tornando-se cada vez mais frágil, dependente de agrotóxicos e de novas áreas, gerando desmatamento e queimadas, que, por sua vez, intoxicam, aproximam vetores e escravizam o trabalhador rural, que já perece pela própria falta de água, de comida segura e de trabalho digno, gerando tudo isso, cada vez mais impactos ao clima.

A visão que não considera um futuro com uso mais sustentável da terra e com tecnologias e técnicas de produção menos impactantes obriga o sertanejo de Euclides a perecer, a não suportar ser forte o tempo todo. A se sujeitar não apenas a levar chicotadas de um senhor, mas também do sol severo que o castiga, do agrotóxico que o intoxica, da doença que se aproxima e do lucro que nunca chega a ele.

Euclides, se puder, responda: até que ponto o sertanejo aguentará ser, antes de tudo, um forte?